

A mídia relacionada aos Jogos Paralímpicos e as suas possíveis contribuições na mudança de percepção de estudantes universitários a respeito das pessoas com deficiência
The media related to the Paralympic Games and its contributions in changing the perception of university students about people with disabilities

Los medios relacionados con los Juegos Paralímpicos y sus posibles aportes en el cambio de percepción de los universitarios sobre las personas con discapacidad

Yasmin Vicente Vieira, Jackeline Colere, Doralice Lange de Souza

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo: As pessoas percebidas como “diferentes” do padrão estabelecido como “normal” tendem a sofrer preconceitos e estigmas. De acordo com alguns autores, o contato direto (com interações face-a-face) ou indireto (sem interações face-a-face) com um ou mais membros de um grupo de “diferentes”, desde que siga determinadas condições, pode amenizar estes “problemas”. O objetivo deste estudo foi verificar se o contato indireto com pessoas com deficiência (PCD) através de materiais midiáticos relacionados com os Jogos Paralímpicos pode interferir na percepção de estudantes universitários a respeito das PCD. Este estudo de cunho qualitativo e exploratório, envolveu quatorze participantes. Realizamos uma dinâmica onde solicitamos que eles dissessem palavras/expressões que pensavam quando ouviam a expressão “pessoa com deficiência”. Na sequência, os entrevistamos para melhor compreender as escolhas das palavras/expressões utilizadas. Depois mostramos dois vídeos que envolviam atletas paralímpicos praticando esportes e repetimos a dinâmica das palavras e a entrevista para verificar se os vídeos mudaram as percepções deles a respeito das PCD. Verificamos que oito participantes mudaram de percepção. Seis não mudaram, pois, já percebiam as PCD como capazes, devido às experiências anteriores diretas ou indiretas com as mesmas. O estudo sugere que o contato indireto pode ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento de uma percepção mais positiva a respeito das PCD principalmente no caso de pessoas que não têm a oportunidade de sustentar um contato direto e duradouro com uma PCD.

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Estigma; Teoria do contato; Mídia; Mudança de percepção.

Abstract: People perceived as “different” from the standard established as “normal” tend to suffer prejudice and stigma. According to some authors, direct (with face-to-face interactions) or indirect (without face-to-face interactions) contact with one or more members of a “different” group, provided that certain conditions are met, can alleviate these “problems”. The objective of this study was to verify if the indirect contact with people with disabilities (PWD) through media materials related to the Paralympic Games can interfere in the perception of university students about PWD. The study was qualitative and exploratory and had fourteen participants. We performed a dynamic where we asked them to say words/expressions they thought when they heard the expression “person with a disability”. Next, we interviewed them to better understand the choices of words/expressions used. We then showed two videos that involved Paralympic athletes playing sports and repeated the word dynamics and the interview to see if the videos had changed their perceptions of PWDs. We found that eight participants changed their perception. Six did not change, as they already perceived PWDs as capable, due to previous direct or indirect experiences with them. The study revealed that indirect contact can be an effective tool for developing a more positive perception of PWD, especially for those who did not have the opportunity to sustain direct and lasting contact with a PWD.

Keyword: People with disability; Stigma; Contact theory; Media; Perception change.

Resumen: Las personas percibidas como “diferentes” del estándar establecido como “normal” tienden a sufrir prejuicios y estigmas. Según algunos autores, el contacto directo (con interacciones cara a cara) o indirecto (sin interacciones cara a cara) con uno o más miembros de un grupo “diferente”, siempre que se cumplan ciertas condiciones, puede paliar estos “problemas”. El objetivo de este estudio fue verificar si el contacto indirecto con personas con discapacidad (PCD) a través de materiales mediáticos relacionados con los Juegos Paralímpicos puede interferir en la percepción de los universitarios sobre las PCD. El estudio fue cualitativo y exploratorio y contó con catorce participantes. Realizamos una dinámica donde les pedíamos que dijeran palabras/expresiones que pensaron al escuchar la expresión “persona con discapacidad”. A continuación, los entrevistamos para comprender mejor las opciones de palabras/expresiones utilizadas. Luego mostramos dos videos que involucraban a atletas paralímpicos practicando deportes y repetimos la palabra dinámica y la entrevista para ver si los videos habían cambiado sus percepciones de las personas con discapacidad. Encontramos que ocho participantes cambiaron su percepción. Seis no cambiaron, ya que percibían a las PCD como capaces, debido a experiencias previas directas o indirectas con ellas. El estudio reveló que el contacto indirecto puede ser una herramienta eficaz para desarrollar una

percepción más positiva de las PCD, especialmente para las personas que no tienen contacto directo y duradero con una PCD.

Palabras clave: Personas con discapacidad; Estigma; Teoría del contacto; Medios de comunicación; Cambio de percepción.

Fecha recepción: 21-02-22, Fecha de aceptación: 19-06-22

Yasmin Vicente Vieira

yasvveira@outlook.com

Introdução

Os indivíduos ditos como “diferentes” do padrão estabelecido como “normal”, podem sofrer preconceitos por apresentar determinadas características percebidas como “negativas”. Consequentemente, podem sofrer estigmas. Estigma são marcas negativas e distorcidas em relação a determinada (as) pessoa (as) devido às suas “diferenças”. Segundo Goffman (2004), existem diferentes tipos de estigma: abominações ao corpo (deformidades físicas), culpas de caráter individual (distúrbios mentais, desonestidade) e de caráter étnico-cultural (raça, cor, religião). Também de acordo com o autor, os estigmatizados possuem uma tendência de serem vitimizados, discriminados e vistos como inferiores, o que dificulta a sua aceitação social plena.

As pessoas com deficiência (PCD) física, sensorial ou intelectual tendem a ser estigmatizadas. Elas costumam ser vistas a partir do seu suposto “problema”: a “deficiência”. Despreza-se o ser humano como um todo e trata-se a deficiência como se fosse uma doença que precisa ser resolvida e/ou curada (Diniz, 2007; Oliver, 2004). Um dos efeitos perversos da estigmatização é que a própria pessoa estigmatizada pode internalizar o estigma que sofre (Goffman, 2004).

A inclusão social das PCD só avançará na medida em que os estereótipos e preconceitos relacionados a este público forem problematizados e minimizados (Marques, 2016). Esta mudança pode ser fomentada através da educação formal, da mídia (Marques, 2016) e através do contato com “outro” ou grupo de “outros” (Allport, 1954). No livro “A natureza do preconceito” escrito por Allport (1954), o autor alega que se o contato ocorrer em determinadas condições — metas comuns, colaboração, status social equivalente e suporte institucional (ex. leis, costumes, autoridade) — é possível amenizar o preconceito. De acordo com o autor, o preconceito é o resultado de uma generalização precipitada feita sobre um grupo a partir de informações incompletas ou equivocadas.

Allport (1954), defende que existem duas formas de contato: o direto (com interações face-a-face), e o indireto (sem interações presenciais entre as pessoas). Ambos influenciam na redução do preconceito entre indivíduos e grupos. O contato indireto pode ser feito através de livros (Vezzali et al., 2012) ou mídia, como filmes, documentários ou programas de televisão (Ortiz & Harwood, 2007; Park, 2012; Schiappa et al., 2005). Esta última forma de contato pode funcionar como um primeiro passo para quem não tem a oportunidade de ter um contato direto com um outro ou grupo de outros, ajudando a reduzir preconceitos e estigmas (Crisp & Turner, 2009; Pettigrew et al., 2007, 2011; Tropp, 2005; Vezzali et al., 2012; Vezzali & Stathi, 2017).

Existem três subcategorias de contato indireto: 1) Contato imaginado: consiste na simulação mental de uma interação social com um membro (os) de um grupo externo (Dovidio et al., 2011; Paolini et al., 2004). 2) Contato entendido: ocorre quando se sabe que um membro do grupo tem uma relação positiva com um membro do grupo externo (Wright et al., 1997; Zhou et al., 2019). 3) Contato mediado: acontece por meio de materiais midiáticos através da observação dos grupos (Park, 2012). Como subcategorias do contato mediado existem outras duas formas de contato: a) Contato vicário: onde um grupo de pessoas tem contato indireto através da mídia com um grupo externo, ou seja, diferente do seu grupo. Porém, existem pessoas do primeiro grupo se relacionando com pessoas do grupo externo (Tan et al., 1997). b) Contato parassocial: um grupo de espectadores tem contato indireto através da mídia com grupo externo. Porém, os espectadores não se relacionam com o grupo externo (Schiappa et al., 2005).

O contato parassocial pode ajudar a aumentar ou reduzir o preconceito, especialmente quando não se tem oportunidades de contato com grupos de pessoas que tendem a ser discriminados (Schiappa et al., 2005). A mídia está envolvida no processo de construção da sociedade, de transmissão de conteúdo, na criação de imagens e pode ser reprodutora de estigmas e preconceitos (Hardin & Hardin, 2004; Poffo et al., 2017; Santos, 2018; Santos et al., 2019, 2020; Silva & Howe, 2012b), dependendo de como o trabalho midiático for realizado. Os grupos que tendem a ser discriminados são frequentemente representados na mídia de formas marginalizadas e estereotipadas, e essas representações podem levar a relações intergrupais negativas (Dixon & Linz, 2000).

Diante do exposto até então, o objetivo deste estudo foi o de verificar se o contato indireto, do tipo parassocial, através de materiais midiáticos relacionados com os Jogos Paralímpicos (JP), maior evento esportivo ao nível mundial envolvendo pessoas com diferentes tipos de deficiência (física, visual e intelectual), pode promover uma mudança de percepção a respeito das PCD, combatendo estigmas tais como de que elas são frágeis, incapazes e dependentes. Até então encontramos apenas dois estudos brasileiros especificamente desenhados para investigar se materiais relacionados com os JP podem interferir com a mudança de percepção a respeito das PCD.

Souza et al. (2021) investigaram a percepção de crianças sem deficiência antes e após mostrarem materiais midiáticos relacionados com os JP para elas. Todas as crianças desenvolveram uma percepção mais positiva a respeito das PCD depois que tiveram acesso aos materiais. Souza et al. (2020) investigaram se acadêmicos de diversos cursos de uma Universidade pública no Paraná que tiveram contato com os JP mudaram a sua percepção em re-

lação às capacidades das PCD. Eles concluíram que tanto o contato direto quanto o indireto, podem servir como um meio para diminuição de preconceitos. No caso do presente estudo, aplicaremos uma dinâmica similar à adotada no primeiro estudo de Souza et al. (2021) e focaremos em um público parecido aos participantes do segundo de Souza et al. (2020). Investigaremos se o contato com vídeos relacionados com os JP pode causar mudanças de percepção a respeito de PCD em alunos de graduação de instituições de nível superior da cidade de Curitiba, capital do Paraná, no Brasil.

Na medida que mais estudos investigarem e comprovarem a hipótese de que o contato com materiais que mostram o potencial de PCD no esporte podem de fato auxiliar na melhoria da percepção a respeito de PCD, estes podem ser utilizados sistematicamente e efetivamente para estes fins em diferentes contextos educacionais formais e informais.

Metodologia

Esta pesquisa se configura como qualitativa e exploratória, aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa da UFPR, parecer n.º 4.571.267. Iniciamos a pesquisa divulgando e solicitando que conhecidos divulgassem um questionário que buscava levantar as seguintes informações: 1) Nome. 2) Idade. 3) Curso. 4) Período. 5) Nome da instituição. 6) Você conhece uma pessoa com deficiência (ou mais de uma)? (Se sim, continua para as próximas questões. Se não, pula para a próxima seção — questão 9). 7) De onde você conhece está (as) pessoa (s)? 8) Esta (s) pessoa (s) pratica (m) algum esporte ou atividade física? 9) Você assistiu aos Jogos Paralímpicos ou outros eventos paradesportivos? 10) Você poderia participar de uma entrevista sobre este assunto? (Se sim, responda à questão 11) Poderia passar seu contato de Whatsapp e e-mail? Estas questões foram elaboradas para que pudéssemos levantar alguns aspectos do perfil de possíveis participantes e para localizar pessoas interessadas em participar da pesquisa.

Cento e dezessete pessoas responderam ao questionário e 14 destas pessoas disseram que poderiam participar de uma entrevista individual sobre o tema em questão. Incluímos estas 14 pessoas no estudo. As entrevistas aconteceram entre os dias 30 de outubro e 20 de dezembro de 2020 e duraram entre 40 minutos e 60 minutos com cada participante. Para participar da pesquisa eles assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Dentre os 14 participantes, nove são de instituições de nível superior privadas e seis de uma pública. Os participantes estavam matriculados nos cursos de medicina (3), terapia ocupacional (2), educação física (2), odontologia (2), publicidade e propaganda (2), jornalismo (1), matemática (1) e relações públicas (1). Dentre os entrevistados,

quatro são do sexo masculino e dez do sexo feminino. As idades variaram entre 19 e 25 anos.

Iniciamos o levantamento de dados solicitando que os participantes falassem palavras e/ou expressões que vinham em sua mente quando ouviam a expressão “pessoa com deficiência”. Na sequência, conduzimos uma entrevista aberta solicitando que eles comentassem sobre a escolha das palavras e/ou expressões utilizadas a fim de melhor compreendermos como eles percebiam as PCD.

Posteriormente passamos dois vídeos. O primeiro vídeo intitula-se “Movimento Paralímpico”, com duração de um minuto. Ele foi produzido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro em 2019 em sua campanha para conscientização das potencialidades das PCD no esporte. No vídeo aparecem atletas paralímpicos treinando. Somente ao final do vídeo é possível perceber que as pessoas apresentadas têm algum tipo de deficiência. No fechamento do vídeo aparecem as frases — “determinação é tudo”, “movimento é tudo” e “isso é só um detalhe” — referindo-se à deficiência.

O segundo vídeo intitula-se “O treino que muda opiniões”, produzido pela Ogilvy Brasil, com duração de dois minutos e 16 segundos. O vídeo inicia com a frase “Às vezes, tudo o que você precisa para mudar de opinião é olhar mais de perto”. Depois disso, mostra imagens dos atletas Luciano Dantas, Vinícius Rodrigues e Lúcia Teixeira (atletas paralímpicos de halterofilismo, atletismo e judô, respectivamente) entrando em academias de musculação e de judô do Rio de Janeiro. Assim que eles chegam algumas pessoas que estão presentes no local as encaram, olham com desdém e cochicham entre si. Tais comportamentos passam a impressão de que estão duvidando das capacidades dos atletas. Quando os atletas começam a levantar peso, correr e lutar, as pessoas ao redor ficam novamente encarando, algumas ficam boquiabertos, demonstrando ter ficado espantadas com o feito dos esportistas. Ao final do vídeo, essas pessoas relatam ter ficado surpresas ao ver a competência dos atletas paralímpicos praticando as atividades. Eles disseram que não imaginavam que as PCD seriam capazes de realizar tão bem o levantamento de peso, a corrida e golpes de judô. Ao fim do vídeo aparece a frase “Quando você vê um atleta paraolímpico de perto, não dá para explicar”. Selecionamos estes vídeos porque eles mostram competências de PCD, colocando em xeque estigmas relacionados com estas pessoas. Conforme apontam vários estudos, as PCD são muitas vezes percebidas como limitadas, frágeis, incapazes, dependentes e coitadas (de Léséleuc et al., 2010; Figueiredo, 2014; Hardin & Hardin, 2004; Marques, 2016; Oliveira et al., 2018; Pappous et al., 2009; Poffo et al., 2017; Silva & Howe, 2012a, 2012b; Souza et al., 2021).

Após cada entrevistado assistir aos dois vídeos, repetimos a dinâmica das palavras/expressões. Posteriormente realizamos novamente uma entrevista aberta para verifi-

caros se a percepção deles (as) em relação às PCD havia mudado. Explicamos que não havia respostas certas ou erradas e que eles deveriam dizer apenas o que de fato pensavam.

No caso dos entrevistados que marcaram no questionário que já haviam assistido os JP também perguntamos: por quanto tempo você assistiu os JP? O fato de você ter assistido os JP e os vídeos que passamos anteriormente mudou alguma coisa na forma como você percebe as pessoas com deficiência? Como? A forma como você se relaciona com estas pessoas mudou após você ter assistido os JP? Se sim, como?

Transcrevemos todas as entrevistas na íntegra e realizamos uma análise temática e indutiva dos dados (Braun & Clarke, 2006). Ou seja, não partimos de categorias prontas para o processo de análise. Focamos nos principais temas que emergiram da fala dos participantes.

Resultados e Discussão

Dentre os quatorze entrevistados, um não conhecia nenhuma PCD de forma direta, e treze conheciam, conviviam ou já tinham convivido com pelo menos uma PCD. Seis deles tiveram contato com algum material midiático relacionado aos JP ao menos uma vez na vida através da televisão, redes sociais ou algum site na internet. Oito nunca tiveram contato com este tipo de material, nem mesmo com propagandas relacionadas ao evento. As modalidades mais assistidas nos JP pelos entrevistados foram: basquete em cadeira de rodas, vôlei sentado e natação. Para uma melhor compreensão dos resultados, separaremos a apresentação a seguir em duas seções: uma sobre a dinâmica das palavras/expressões e outra sobre as entrevistas.

Dinâmica das palavras/expressões

Na tabela 1 esquematizamos as percepções expressas em uma palavra ou pequenas expressões dos entrevistados antes e após assistirem aos dois vídeos. Também descrevemos se eles tinham algum grau de proximidade com ao menos uma PCD e se haviam tido ou não contato com materiais midiáticos relacionados aos JP.

Os participantes citaram 73 palavras e/ou expressões antes do contato com os vídeos. Agrupamos os termos mais citados em temáticas e verificamos o seguinte: palavras que remetem à deficiência em si (seja ela física, intelectual, visual) e não a outras características das pessoas em geral foram citadas 12 vezes. Outras temáticas dominantes foram: dependência (14), uso de cadeira de rodas (9), dificuldade (7), falta de acessibilidade (7) preconceito (5), dó/pena/frágeis (3). O foco em patologias e “problemas” relacionados com a deficiência remetem ao modelo

médico da deficiência. Este modelo coloca a deficiência como uma questão de saúde que precisa ser tratada pelo indivíduo com a ajuda de uma equipe médica. Este tipo de percepção contribui para com a exclusão das PCD, uma vez que as trata como doentes, dependentes, frágeis e incapazes (Diniz, 2007; Gaudenzi & Ortega, 2016; Marques, 2016; Oliver, 2004).

Algumas palavras citadas anteriormente como dó, pena, frágeis e se encaixam no conceito de *ableism*, que tem sido traduzido para o português como capacitismo. Para Wolbring (2008), o capacitismo valoriza certas habilidades em detrimento de outras, o que leva à discriminação contra os “menos capazes” em habilidades mais valorizadas. Ele agrega outros “ismos”, como racismo, sexismo, consumismo. O autor explica que o capacitismo leva a atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios em relação às pessoas com capacidades diferentes do padrão imposto pela sociedade. Muitas vezes o capacitismo ocorre pelo fato de as pessoas discriminadas terem, por exemplo as habilidades corporais, tom de pele e orientação sexual, diferentes da preferência cultural.

Após o contato com os vídeos, foram citadas 68 palavras e/ou expressões. As mais citadas foram: igualdade (10), capazes (9), inclusão (5), independentes (6), inspiração/superação/força/determinação (3). Estas palavras denotam que os participantes passaram a pensar nas PCD como capazes e determinadas e que, apesar das dificuldades que encontram em função de sua deficiência, ainda assim conseguem realizar tarefas e seguir com as suas vidas. Após os vídeos as palavras/expressões tais como “surpresa”, “incríveis”, “exemplo” também foram citadas pelos entrevistados. Estas palavras demonstram que eles não esperavam que as PCD eram capazes de realizar determinadas ações.

Nenhum dos participantes havia tido este tipo de contato direto com atletas de alto rendimento. Provavelmente por isto, vários deles se sentiram surpresos e acharam incríveis os feitos dos atletas após assistirem os vídeos passados durante a entrevista. O estudo de Souza et al. (2021) corrobora com o nosso achado de que o contato com este tipo de material pode melhorar a percepção a respeito das PCD inclusive no caso de pessoas que já tenham tido contato com PCD. Os participantes do estudo supracitado foram 18 crianças sem deficiência, sendo que sete delas já haviam tido este tipo de contato direto com uma PCD. As autoras verificaram que antes de exporem as crianças a materiais midiáticos relacionados com os JP, elas tinham uma percepção de que a PCD é doente, coitadinha e incapaz. Após o contato com materiais midiáticos relacionados aos JP, elas identificaram que houve uma mudança significativa na percepção das crianças, pois estas passaram a focar mais nas capacidades das PCD.

Tabela 1
Caracterização dos participantes e as percepções deles antes e depois dos vídeos

| Nome | Grau de proximidade com PCD | Contato com JP antes da pesquisa | Palavras antes dos vídeos | Palavras depois dos vídeos |
|------------|------------------------------------|----------------------------------|--|---|
| Ana Flávia | Família | N | Deficiência física Cadeira de rodas Muleta Adaptação Basquete adaptado | Inúmeras deficiências Surdos Inclusão Falta de acessibilidade Diferentes Independentes |
| Carolina | Escola | N | Deficiência física intelectual mental Dificuldade Falta de acesso à educação Falta de acessibilidade Dó Não consegue fazer tantas coisas Basquete com cadeira de rodas | Inspiração Alcance dos objetivos Igualdade Conseguem fazer mais coisas do imaginamos Excluídas do todo Fortes |
| Felipe | Trabalho e amigos de outros amigos | N | Frágeis Necessidade de ajuda Dependentes | Superação Exemplo Determinação Força Preconceito que as PCD sofrem Heróis |
| Gabriele | Vizinho e filho de uma colega | N | Deficiência intelectual, física Limitação Cadeira de rodas Dificuldades | Igualdade Independentes Não precisam de ajuda |
| Geraldo | Não conhece ninguém | S | Acessibilidade Dificuldade Preconceito | Superação Iguais as pessoas sem deficiência Capazes |
| Leticya | Família | N | Cadeirantes Deficiência física, motora, visual Ajuda Preconceito | Pertencimento Surpresa Capacidade Preconceito Inclusão |
| Marina | Família | S | Desvalorizado Falta de acessibilidade Incapacidades Deficiência visual | Detalhe Capacidade Igual as pessoas sem deficiência Força Inspiração |
| Maxmueller | Trabalho | N | Inclusão Equidade Oportunidade Adaptação Acessibilidade | Capazes Inclusão Capacidade Conseguem fazer o que é imposto Habilidades Adaptação |
| Nathalia | Escola | N | Limitação Basquete em cadeira de rodas Amputação Paralisia Acidente Diferenças físicas | Igualdade Igual das pessoas sem deficiência Assistência Acessibilidades Adaptar |
| Rafaela | Escola | N | Síndromes físicas e mentais Basquete em cadeiras de rodas Cadeirante Falta de acessibilidade | Inspiração Cidadãos vivendo em igualdade Inclusão Ganhando mais espaço |
| Ruan | Escola e amigo de outro amigo | S | Limitações físicas e mentais Adaptação Preconceito Subestimar Ajuda | Guerreira Vencer os obstáculos Igualdade Não precisam de adaptação |
| Thalissa | Escola | S | Dificuldades Precisam de ajuda Pena Falta de acessibilidade Falta de inclusão social Pré-conceitos Estigmas | Igualdade Inclusão Superação Inseridos no esporte |
| Valkyria | Família e trabalho | S | Igualdade Diferença Determinação Dedicação Falta de investimento | Igualdade Diferença Determinação Dedicação Falta de investimento |
| Vitória | Escola e amigos de outros amigos | S | Ajuda Necessidade Falta de acessibilidade Cadeirante Adaptação Guerreiros Fortes Incríveis Capazes Subestima a capacidade | Não precisam de ajuda Não são necessitados Conseguem fazer melhor do que uma pessoa sem deficiência Capazes Ultrapassam as barreiras Incríveis |

Legenda: Sim (S), Não (N)

Fonte: Dados da pesquisa

Dinâmica das entrevistas

Separamos esta seção em dois tópicos. O primeiro trata de participantes que haviam tido contato com materiais relacionados com os JP antes da pesquisa. O segundo trata de participantes que não tiveram contato com este tipo de material. Encontramos diferenças importantes nas respostas apresentadas de acordo com estes perfis.

Percepções dos entrevistados que já haviam tido contato com os JP antes da realização da pesquisa

Quatro dos seis entrevistados que já haviam tido contato com os JP afirmaram que o contato indireto com os JP antes da pesquisa impactou a percepção deles em relação às PCD:

“Assistir os JP ajudou sim . . . Eu acho que as Paralimpíadas têm esse papel muito importante e impactante na visibilidade, justamente por quebrar estigmas!” (Thalissa).

“Depois de ver os JP, eu comecei a entender que elas são mais capazes do que a gente previamente acha. Eu acho que essa mudança é sutil, mas sempre acontece” (Marina).

As entrevistadas acima disseram que os JP as ajudaram a quebrar estigmas relacionados com a deficiência e a perceber as capacidades das PCD. Entretanto, algumas das palavras/expressões que elas citaram quando foram questionadas sobre o que vinha na cabeça delas quando elas escutavam a expressão “pessoa com deficiência” foram: “incapacidades”, “precisam de ajuda” e “pena”. Estas palavras nos levam a questionar se o contato com os JP de fato havia mudado a percepção delas em relação às PCD de uma forma geral. Talvez elas tenham mudado apenas a sua percepção em relação a atletas com deficiência.

O esporte para PCD pode se constituir em uma ferramenta para a luta anticapacitista expondo as PCD como seres eficientes e produtivos (Seron et al., 2021). No entanto, conforme apontam alguns autores, o discurso midiático relacionado com os JP pode promover o capacitismo na medida em que fomentam expectativas de que todas as PCD conseguem atingir níveis de excelência similares aos de atletas paralímpicos. Aquelas que não conseguem, podem ser julgadas pela sua “falta de capacidade” e, portanto, ser percebidas como inferiores (Brittain & Beacom, 2016; Hardin & Hardin, 2004; Howe & Silva, 2018; Kearney et al., 2019; Silva & Howe, 2012, 2018). Cabe lembrar que não basta que a PCD queira e se esforce para chegar lá. Existem diferentes variáveis que podem afetar as realizações do indivíduo (Brittain & Beacom, 2016; Hardin, 2012; Misener et al., 2019; Silva & Howe, 2012a), tais como tipo e/ou grau de deficiência, condições de saúde e acesso às oportunidades de desenvolvimento (Silva & Howe, 2018; Souza & Brittain, 2021, 2020; Souza et al., 2021; Wendell, 1989).

Os mesmos quatro participantes que disseram que haviam mudado a sua percepção a respeito das PCD a partir de um contato indireto com os JP, também revelaram que desenvolveram uma percepção ainda mais positiva em relação às capacidades das PCD após o contato com os dois vídeos que mostramos. Vide, por exemplo, a passagem abaixo:

“A influência de um conteúdo midiático é absurda! Agora eu os vejo como pessoas capazes! Realmente a deficiência é um detalhe. Isso foi muito legal nos vídeos!” (Marina).

Dois dos seis entrevistados que haviam tido contato indireto com os JP antes de nossa pesquisa disseram que nem este contato prévio e nem os vídeos que lhes mostramos mudaram a percepção deles em relação às PCD. Eles argumentaram que já haviam aprendido com a família, quando ainda crianças, a não ter preconceitos em relação a estas pessoas.

“Por conta da minha família eu sempre tive esse olhar, eu acho que todos são capazes. Eles [os pais] sempre tiveram essa visão aberta e fizeram com que eu tivesse também. Então eu acho que eu continuo com a mesma visão, que eles [PCD] são pessoas que também podem . . . Eles são guerreiros, fortes, incríveis. Eles estão ali, eles fazem o possível e o impossível” (Vitória).

“A gente [família] sempre assistiu aos jogos [paralímpicos]. A minha mãe sempre participou e ajudou na APAE . . . Eu sempre os vi como pessoas normais, capazes, gente como a gente. Então eu acho que não interferiu . . . porque eu sempre soube [através da família] que as PCD podem fazer os esportes e superar a sua deficiência” (Geraldo).

Vale aqui um comentário sobre a fala de Geraldo, quando ele diz que as PCD podem “superar a sua deficiência”. Na verdade, conforme afirmam Silva e Howe (2012b), o que precisa ser superado não é o comprometimento, pois este na maioria das vezes não tem como ser vencido. Independente da remoção de barreiras sociais, econômicas, ambientais e culturais, ele continua existindo (Campbell, 2009; Diniz, 2007; Gaudenzi & Ortega, 2016; Howe & Silva, 2018; Oliver, 2004; Wendell, 1989). O que se pode fazer é minimizar as barreiras que impedem a funcionalidade e a inclusão social da PCD tais como a discriminação, o preconceito e a falta de acessibilidade que estas pessoas encontram em seu cotidiano. A minimização destas barreiras, conforme aponta o modelo social da deficiência, deveria ser de responsabilidade da sociedade como um todo e não apenas da PCD (Oliver, 2004).

Os seis entrevistados que já haviam tido contato indireto com os JP ressaltaram que a visibilidade das capacidades das PCD na mídia pode contribuir para com a minimização de preconceitos em relação a estas pessoas.

“A gente ia ver que eles são super capazes, que eles participam das coisas com a mesma qualidade que as pessoas

sem deficiência! Os dois vídeos mostraram que [a deficiência] é só um detalhe” (Marina).

“Eu acho que se tivesse mais contato, mostrasse mais na TV, seria mais fácil de entender sobre a deficiência” (Ruan).

A mídia tem um importante papel na construção e reprodução de representações sociais acerca das PCD. Vale ressaltar, no entanto, que, ao mesmo tempo em que os discursos midiáticos podem promover imagens positivas auxiliando no processo de desestigmatização das PCD, eles podem também promover ainda mais o preconceito (Binder et al., 2009). Conforme apontam alguns autores, a PCD no meio esportivo foi historicamente retratada pela mídia como uma coitadinha, vítima de uma tragédia pessoal, ou como super-herói (Dos Santos et al., 2018; Figueiredo, 2014; Hilgemberg, 2017; Maika & Danylchuk, 2016; Poffo et al., 2017; Santos et al., 2019). Nos últimos anos, no entanto, esta realidade vem se modificando devido a esforços em diferentes âmbitos tais como: desenvolvimento de trabalhos de pesquisa sobre a produção midiática relacionada com o esporte paralímpico (grande parte dos autores que citamos neste trabalho se dedicaram à esta questão); militância de grupos organizados de PCD; marketing e propaganda de organizações esportivas internacionais e nacionais tais como o Comitê Paralímpico Internacional e o Comitês Paralímpicos Nacionais; e produção de guias para a mídia que visam provocar este tipo de transformação. Exemplo de um guia produzido com esta finalidade no Brasil foi o trabalho de Pappous e Souza (2016). Este foi disponibilizado para os jornalistas que estariam cobrindo o evento. O objetivo do guia era o de subsidiar uma cobertura mais focada na esportividade dos atletas do que em suas deficiências ou supostas histórias tristes de vida.

Percepções dos entrevistados que não haviam tido contato com os JP antes da pesquisa

Oito participantes que conheciam PCD, não haviam tido contato com os JP e com as campanhas produzidas para promover os JP antes da pesquisa. Destes, cinco relataram que mudaram suas percepções em relação a PCD após assistirem os dois vídeos. Vide, por exemplo, o que duas participantes disseram antes dos vídeos:

“Uma pessoa que tem uma limitação para andar . . . Precisa de cadeira de rodas” (Gabriele).

“Vem as dificuldades, em questão de locomoção eu penso em rampas, acesso a portas que as pessoas não conseguem acessar” (Carolina).

Após os vídeos, as mesmas entrevistadas acima comentaram:

“Todo mundo pode fazer as mesmas coisas” (Gabriele).

“As PCD são seres humanos que conseguem fazer o que eles querem” (Carolina).

As cinco entrevistadas que conheciam PCD e que mudaram suas percepções em relação à estas pessoas depois que assistiram o vídeo, não haviam tido uma convivência regular e duradoura com nenhuma PCD. Os contatos que haviam tido tinham sido esporádicos. Esta pode ser uma das razões de elas ainda estarem focadas em possíveis limitações das PCD e não em suas capacidades. Carolina ressaltou que o contato que ela teve foi com uma PCD na escola, mas não na mesma sala de aula. Ana Flávia e Leticya tiveram contato apenas com um parente da família que as visitaram poucas vezes. Rafaela visitou uma APAE (organização social que cuida de pessoas com deficiência intelectual e deficiências múltiplas no Brasil). Gabriele teve contato com o filho de uma colega da faculdade e de vez em quando vê seu vizinho que tem uma deficiência. Todas elas disseram que os vídeos que mostramos ajudaram a modificar a percepção negativa que tinham. Aparentemente em alguns casos, o contato indireto pode ser até mais eficaz do que o contato direto, uma vez que ele se dá em um ambiente mais controlado no sentido de mostrar pontos positivos acerca do outro ou grupo de outros (Paolini et al., 2004).

Após o contato indireto com os vídeos, uma das entrevistadas citadas acima, Carolina, relatou que, “as PCD conseguem fazer o que eles [elas] querem”. Esta crença, no entanto, pode e deve ser questionada. Os vídeos utilizados nesta pesquisa retratam atletas de alto rendimento com acesso à, espaços, equipamentos, equipes técnicas e bolsas/salários que permitem que eles sigam carreira no esporte. A realidade deles está longe da realidade da vida de muitas PCD que não têm este tipo de apoio. Além disto há de se considerar que o tipo e grau da deficiência/condição de saúde da PCD podem ou não permitir que ela se envolva com o esporte ou outros tipos atividades (Silva & Howe, 2018; Souza & Brittain, 2021, 2020; Souza et al., 2021; Wendell, 1989).

Alguns críticos argumentam que os JP podem reforçar o capacitismo, e, conseqüentemente, a discriminação contra as PCD que não querem e/ou não conseguem ter os mesmos níveis de sucesso que atletas de alto rendimento. Eles podem reforçar a percepção de que aquelas pessoas que não têm sucesso em determinados tipos de atividade são preguiçosas e não têm força de vontade (Braye et al., 2013; Hardin & Hardin, 2004; Howe & Silva, 2018; Kearney et al., 2019; Wendell, 1989). Porém, em realidades como a do Brasil, onde existem ainda poucas oportunidades de contato direto com as PCD devido à falta de acessibilidade, desigualdades sociais e dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a demonstração dos potenciais e das possíveis habilidades de PCD através da mídia é de suma importância para a promoção de uma maior inclusão social e profissional destas pessoas (Souza & Brittain, 2021, 2020).

Três dos oito entrevistados que não haviam tido contato com os JP antes da nossa pesquisa disseram que não mudaram suas percepções depois do contato indireto com os vídeos passados durante as entrevistas. Este contato apenas reforçou o que eles já sabiam e pensavam sobre as PCD graças à educação que haviam recebido em casa e graças à convivência que já haviam tido com PCD no ambiente escolar ou no trabalho. Vide, por exemplo, o que disse a Nathália.

“Não mudou nada, porque eu sempre vi [a condição destas pessoas] de uma forma ampliada. Eu nunca vi de uma forma que limitasse essas pessoas de alguma forma . . . Eu não acho que eles são limitados em absolutamente nada!”

O contato que estes três entrevistados tiveram com uma ou mais PCD havia sido de forma mais duradoura do que no caso dos outros cinco entrevistados que mencionamos anteriormente. Felipe e Maxmueller tiveram contato direto e regular no ambiente de trabalho. Nathália estudou na mesma sala com um colega com deficiência. A frequência destes contatos possivelmente moldou, de forma positiva, a forma como eles percebem as PCD.

Souza et al. (2020) verificaram que os participantes do estudo deles que já haviam tido contato direto com PCD apresentavam menos preconceitos em relação a estas pessoas do que os entrevistados que não haviam tido contato nenhum. No caso de nosso estudo, 13 participantes já haviam tido contato direto com PCD e mesmo assim, mais da metade deles expressaram preconceitos quando foram questionados sobre as palavras/expressões que vinham à sua mente quando escutam a expressão “pessoa com deficiência”. Isto provavelmente aconteceu porque, conforme informamos anteriormente, alguns deles tiveram apenas um contato superficial com PCD. Mas também se faz importante lembrar que, conforme aponta Allport (1954), dependendo do contexto em que o contato ocorre, ele pode perpetuar e/ou piorar o preconceito.

Mais da metade dos entrevistados não havia tido contato com PCD por meio da mídia. Estes entrevistados foram os que mais mudaram a sua percepção em relação às PCD. Logo, os achados de Bond e Compton (2015) pode fazer sentido também na nossa pesquisa. Estes autores concluíram que a relação entre a exposição a personagens homossexuais na televisão e à luta deles por respeito e igualdade social foi mais forte para participantes que não tiveram relacionamentos interpessoais com pessoas homossexuais do que para participantes que tiveram mais de três relacionamentos interpessoais com homossexuais. Ou seja, a teoria do contato pode se aplicar a diferentes realidades onde existem preconceitos e estigmas.

O contato indireto com o outro ou grupo de outros através de materiais tais como os que mostramos aos participantes pode facilitar futuros contatos diretos. Ou seja, este tipo de contato pode diminuir a ansiedade em futu-

ros encontros presenciais (Carew et al., 2019; Ortiz & Harwood, 2007; Pettigrew, 1997; Pettigrew et al., 2007; Tropp & Pettigrew, 2005).

Materiais midiáticos relacionados com os JP podem ser utilizados como ferramentas para a transformação de percepções e de narrativas negativas e enraizadas em relação às PCD. Um dos principais legados dos JP Rio 2016 foi que ele pode ter contribuído para com o combate a preconceitos e estigmas em relação às potencialidades e possibilidades de participação social das PCD (Fiske et al., 2002; Marques, 2016; Paluck, 2009; Souza & Brittain, 2020). No entanto, não devemos esperar que os JP sozinhos possam mudar a percepção da sociedade em relação às PCD. Eles fazem parte de um conjunto de ações que aos poucos estão sendo construídas para o processo da mudança de percepção a respeito das PCD (Souza & Brittain, 2020).

Considerações finais

Dos seis entrevistados que já haviam tido contato com materiais relacionados com os JP antes da pesquisa, três afirmaram que o contato indireto com os vídeos durante a pesquisa melhorou ainda mais a percepção deles com relação às PCD. Os outros três participantes afirmaram que os vídeos não mudaram a percepção deles, pois eles já haviam percebido o potencial destas pessoas através de sua educação pregressa e do contato direto com PCD.

Dos oito entrevistados que nunca haviam tido contato com os JP antes da pesquisa, cinco conseguiram modificar de forma positiva, as suas percepções para melhor em relação às PCD. Ou seja, para as pessoas que não haviam tido convivência duradoura, os vídeos foram efetivos, contribuíram para a mudança e ampliação de percepção de forma positiva. Antes eles viam às PCD como frágeis e limitadas, posteriormente passaram a enxergá-las como capazes. As outras três pessoas que haviam tido um contato mais regular e duradouro e já tinham uma percepção mais positiva a respeito das PCD, aparentemente não modificaram as suas percepções.

O estudo revelou que o contato indireto, do tipo parassocial, com materiais tais como os que mostramos aos nossos participantes podem ser eficazes para o desenvolvimento de uma percepção mais positiva a respeito das PCD. Este tipo de contato pode ajudar na minimização de preconceitos se constituindo em uma ferramenta valiosa tanto para quem não havia tido contato direto com estas pessoas, quanto para aqueles que já tiveram este tipo de contato e ainda sim, sustentavam uma percepção limitada e preconceituosa a respeito das PCD. Observamos uma melhora na percepção principalmente no caso das pessoas que não haviam tido a oportunidade de sustentar um contato direto duradouro com PCD.

Os conteúdos dos materiais midiáticos utilizados nesta pesquisa destacam a realidade de atletas paralímpicos, ou seja, um grupo seletivo de PCD que praticam esporte de alto rendimento. Elas, portanto, não podem ser comparadas com outros grupos de PCD que não praticam esportes. Do contrário, elas podem ser vistas como incapazes e/ou preguiçosas por não conseguirem fazer o mesmo. Fazem-se necessários outros estudos com mais participantes e com grupos de pessoas com diferentes perfis e em vários contextos para podermos ir paulatinamente testando a efetividade da teoria do contato parassocial. Neste sentido, seria também interessante a utilização de conteúdos que mostrem PCD bem-sucedidas em outras esferas além da esportiva, como, por exemplo, no âmbito das artes, da ciência, da tecnologia, entre outras áreas e campos de atuação profissional. Por fim, seria importante verificar se a mudança de percepção gerada por materiais tais como os que apresentamos permanecem ao longo do tempo.

Agradecimentos

O presente artigo foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq) e da Coordenação de Apoio ao Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Notas

O primeiro vídeo utilizado foi, “Movimento Paralímpico”. Ele pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=baY2X5WTG4>

O segundo vídeo utilizado foi, “O treino que muda opiniões”. Ele pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=XuvRPp-2USw>

Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Perseus.
- Binder, J., Zagefka, H., Brown, R., Funke, F., Kessler, T., Mummendey, A., Maquil, A., Demoulin, S., & Levens, J. P. (2009). Does contact reduce prejudice or does prejudice reduce contact? A longitudinal test of the contact hypothesis among majority and minority groups in three European countries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(4), 843–856. <https://doi.org/10.1037/a0013470>
- Bond, B. J., & Compton, B. L. (2015). Gay On-Screen: The Relationship Between Exposure to Gay Characters on Television and Heterosexual Audiences’ Endorsement of Gay Equality. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 59(4), 717–732. <https://doi.org/10.1080/08838151.2015.1093485>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braye, S., Dixon, K., & Gibbons, T. (2013). “A mockery of equality”: An exploratory investigation into disabled activists’ views of the Paralympic Games. *Disability and Society*, 28(7), 984–996. <https://doi.org/10.1080/09687599.2012.748648>
- Brittain, I., & Beacom, A. (2016). Leveraging the London 2012 Paralympic games: What legacy for disabled people? *Journal of Sport and Social Issues*, 40(6), 499–521. <https://doi.org/10.1177/0193723516655580>
- Campbell, F. K. (2009). *Contours of ableism: The production of disability and abledness*. Palgrave MacMillan. <https://doi.org/10.1057/9780230245181>
- Carew, M. T., Noor, M., & Burns, J. (2019). The impact of exposure to media coverage of the 2012 Paralympic Games on mixed physical ability interactions. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 29(2), 104–120. <https://doi.org/10.1002/casp.2387>
- Crisp, R. J., & Turner, R. N. (2009). Can imagined interactions produce positive perceptions? Reducing prejudice through simulated social contact. *American Psychologist*, 64(4), 231–240. <https://doi.org/10.1037/a0014718>
- de Lésleuc, E., Pappous, A., & Marcellini, A. (2010). The media coverage of female athletes with disability. Analysis of the daily press of four European countries during the 2000 Sydney Paralympic Games. *European Journal for Sport and Society*, 7(3–4), 283–296. <https://doi.org/10.1080/16138171.2010.11687863>
- Diniz, D. (2007). *O que é deficiência*. Brasiliense, Editora.
- Dixon, T. L., & Linz, D. (2000). Overrepresentation and underrepresentation of African Americans and Latinos as lawbreakers on television news. *Journal of Communication*, 50, 131–154.
- Dos Santos, S. M., Fermino, A. L., Quaranta, A. M., & Souza, D. L. de. (2018). Esportividade, melancolia, nacionalismo e deficiência: a cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992–2016). In *Motrivivência* (Vol. 30, Issue 56, pp. 76–99). <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n56p76>
- Dovidio, J. F., Eller, A., & Hewstone, M. (2011). Improving intergroup relations through direct, extended and other forms of indirect contact. *Group Processes and Intergroup Relations*, 14(2), 147–160. <https://doi.org/10.1177/1368430210390555>
- Figueiredo, T. H. (2014). Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *C-Legenda - Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Cinema e Audiovisual*, 30, 48. <https://doi.org/10.22409/c-legenda.v0i30.26302>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878–902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.878>
- Gaudenzi, P., & Ortega, F. (2016). Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciencia e Saude Coletiva*, 21(10), 3061–3070. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.16642016>
- Goffman, E. (2004). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4. ed.). <https://doi.org/10.4324/9781315182131-8>
- Hardin, M. M., & Hardin, B. (2004). The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. *SOSOL: Sociology of Sport Online*, 7(1), 1–14.
- Hilgemberg, T. (2017). O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Da Comunicação*, 1–13. <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0608-1.pdf>
- Howe, P. D., & Silva, C. F. (2018). The fiddle of using the Paralympic Games as a vehicle for expanding [disability sport participation]. *Sport in Society*, 21(1), 125–136. <https://doi.org/10.1080/17430437.2016.1225885>
- Kearney, S., Brittain, I., & Kipnis, E. (2019). “Superdisabilities” vs “disabilities”? Theorizing the role of ableism in (mis)representational mythology of disability in the marketplace. *Consumption Markets and Culture*, 22(5–6), 545–567. <https://doi.org/10.1080/10253866.2018.1562701>

- Maika, M., & Danylchuk, K. (2016). Representing paralympians: The 'other' athletes in canadian print media coverage of London 2012. *International Journal of the History of Sport*, 33(4), 401–417. <https://doi.org/10.1080/09523367.2016.1160061>
- Marques, R. F. R. (2016). A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *Revista USP*, 108, 87. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p87-96>
- Oliveira, A. P. V. de, Poffo, B. N., & Souza, D. L. (2018). “É melhor ser super-herói do que ser a vítima: um estudo sobre a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a cobertura midiática. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(4), 1179–1190. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.84237>
- Oliver, Michael. (2009). *Understanding disability: from theory to practice* (2nd ed.). Palgrave MacMillan.
- Oliver, Mike. (2004). The Social Model in Action: if I had a hammer. In *Implementing the Social Model of Disability: Theory and Research* (pp. 18–31). <https://doi.org/10.1111/bioe.12497>
- Ortiz, M., & Harwood, J. (2007). A social cognitive theory approach to the effects of mediated intergroup contact on intergroup attitudes. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 51(4), 615–631. <https://doi.org/10.1080/08838150701626487>
- Paluck, E. L. (2009). Reducing Intergroup Prejudice and Conflict Using the Media: A Field Experiment in Rwanda. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 574–587. <https://doi.org/10.1037/a0011989>
- Paolini, S., Hewstone, M., Cairns, E., & Voci, A. (2004). Effects of direct and indirect cross-group friendships on judgments of Catholics and Protestants in Northern Ireland: The mediating role of an anxiety-reduction mechanism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(6), 770–786. <https://doi.org/10.1177/0146167203262848>
- Pappous, A., Marcellini, A., & Léséleuc, E. (2009). La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. *Agora Para La Educación Física y El Deporte*, 9(November 2014), 31–42.
- Pappous, A., & Souza, D. L. De. (2016). *Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*. 16. <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>
- Park, S. Y. (2012). Mediated Intergroup Contact: Concept Explication, Synthesis, and Application. *Mass Communication and Society*, 15(1), 136–159. <https://doi.org/10.1080/15205436.2011.558804>
- Pettigrew, T. F. (1997). Generalized intergroup contact effects on prejudice. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(2), 173–185.
- Pettigrew, T. F., Christ, O., Wagner, U., & Stellmacher, J. (2007). Direct and indirect intergroup contact effects on prejudice: A normative interpretation. *International Journal of Intercultural Relations*, 31(4), 411–425. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2006.11.003>
- Pettigrew, T. F., Tropp, L. R., Wagner, U., & Christ, O. (2011). Recent advances in intergroup contact theory. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(3), 271–280. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2011.03.001>
- Poffo, B. N., Velasco, A. P., Kugler, A. G., Furtado, S., Dos Santos, S. M., Fermino, A. L., & De Souza, D. L. (2017). Mídia e jogos paralímpicos no Brasil: Investigando estigmas na cobertura jornalística da folha de S. paulo. *Movimento*, 23(4), 1353–1366. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.67945>
- Santos, S. M. dos. (2018). *O processo de produção de notícias dos Jogos Paralímpicos 2016: Rotinas, critérios e valores do jornalismo esportivo Paraolímpico*. <http://hdl.handle.net/1884/55459>
- Santos, S. M. dos, Almela, J. S., & Souza, D. L. de. (2020). A influência dos direitos de transmissão no jornalismo esportivo: Um estudo com jornalistas sobre a cobertura dos jogos paralímpicos Rio/2016. *Movimento*, 26(e26010), 1–16.
- Santos, S. M. dos, Furtado, S., Poffo, B. N., Velasco, A. P., & Souza, D. L. de. (2019). Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 41(2), 190–197. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.012>
- Schiappa, E., Gregg, P. B., & Hewes, D. E. (2005). The parasocial contact hypothesis. *Communication Monographs*, 72(1), 92–115. <https://doi.org/10.1080/0363775052000342544>
- Seron, B. B., Souto, E. C., Malagodi, B. M., & Greguol, M. (2021). O esporte para pessoa com deficiência e a luta anticapacitista- dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. *Movimento*, 27. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113969>
- Silva, C. F., & Howe, P. D. (2012a). Difference, adapted physical activity and human development: Potential contribution of capabilities approach. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 29(1), 25–43. <https://doi.org/10.1123/apaq.29.1.25>
- Silva, C. F., & Howe, P. D. (2012b). The (in)validity of supercrip representation of paralympian athletes. *Journal of Sport and Social Issues*, 36(2), 174–194. <https://doi.org/10.1177/0193723511433865>
- Silva, C. F., & Howe, P. D. (2018). The Social Empowerment of Difference: The Potential Influence of Para sport. In *Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America* (Vol. 29, Issue 2, pp. 397–408). W.B. Saunders. <https://doi.org/10.1016/j.pmr.2018.01.009>
- Souza, D. L., & Brittain, I. (2021). The Rio 2016 Paralympic Games: Inspiration as a possible legacy for disabled Brazilians legacy for disabled Brazilians. *European Journal for Sport and Society*, 1–16. <https://doi.org/10.1080/16138171.2021.1879363>
- Souza, D. L. de, & Brittain, I. (2020). The Rio 2016 Paralympic Games: The visibility of people with disabilities in Brazil as a possible legacy. *Communication and Sport*, 1–20. <https://doi.org/10.1177/2167479520942739>
- Souza, D. L. De, Colere, J., & Vieira, Y. V. (2021). O contato com o esporte paralímpico como um meio para a mudança de percepção de crianças em relação às pessoas com deficiência. *Retos*, 42(1), 396–405.
- Souza, D. L. de, Marques, A. M., & Fermino, A. L. (2020). Jogos paralímpicos: A experiência com “o outro” através das telas. *Journal of Physical Education*, 31(3170), 9. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3170>
- Tan, A., Fujioka, Y., & Lucht, N. (1997). Native American stereotypes, Tv portrayals and personal contact. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 74(2), 265–284.
- Tropp, L. R. (2005). Stigma and intergroup contact among members of minority and majority status groups. *Stigma and Group Inequality: Social Psychological Perspectives*, 16(12), 171–191. <https://doi.org/10.4324/9781410617057>
- Tropp, L. R., & Pettigrew, T. F. (2005). Relationships between intergroup contact and prejudice among minority status majority groups. *Psychological Science*, 16(12), 951–957. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2005.01643.x>
- Vezzali, L., & Stathi, S. (2017). Intergroup contact theory. Recent developments and future directions. In *Intergroup contact theory*. Routledge. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Vezzali, L., Stathi, S., & Giovannini, D. (2012). Indirect contact through book reading: Improving adolescents’ attitudes and behavioral intentions toward immigrants. *Psychology in the Schools*, 49(2), 148–162. <https://doi.org/10.1002/pits>
- Wendell, S. (1989). Towards a feminist theory of disability. In S. Sherwin & B. Parish (Eds.), *Women, Medicine, Ethics and the law* (pp. 104–124). Routledge.
- Wolbring, G. (2008). The politics of ableism. *Development*, 51(2), 252–258. <https://doi.org/10.1057/dev.2008.17>
- Wright, S. C., Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., & Ropp, S. A. (1997). The extended contact effect: Knowledge of cross-group friendships and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(1), 73–90.
- Zhou, S., Page-Gould, E., Aron, A., Moyer, A., & Hewstone, M. (2019). The Extended Contact Hypothesis: A Meta-Analysis on 20 Years of Research. *Personality and Social Psychology Review*, 23(2), 132–160. <https://doi.org/10.1177/1088868318762647>